

“SALADA” SISTEMA AGROFLORESTAL DIVERSIFICADO, INVENÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR NA MATA ATLÂNTICA DA BAHIA

Eloina Matos¹ & Mariella Uzêda²

¹Engenheira agrônoma, pesquisadora eloinaneri@yahoo.com, ²Pesquisadora, EMBRAPA Agrobiologia. Rodovia BR 465, km 7. Seropédica/ RJ (BR), CEP: 23890-000. mariella@cnpab.embrapa.br

RESUMO

A agricultura familiar no Baixo Sul da Bahia, região que não faz parte da zona cacauera tradicional possui uma grande diversidade de cultivos, combinados entre si: cacau, cravo, guaraná, cupuaçu, seringueira, pimenta-jamaica, pimenta-do-reino e piaçava, além de frutíferas e dendê. O tamanho das propriedades é muito reduzido e o aproveitamento do terreno é quase total. Dos sistemas agroflorestais identificados, um deles se destaca, o “salada”, como é chamado pelos agricultores. Este estudo mostra seis deles em três comunidades. A “salada” possui cultivos principalmente para a comercialização, mas também atende ao consumo doméstico, especialmente com frutíferas. A densidade média foi de 2.692 plantas/ha, com média de 15 cultivos diferentes. A saladinha deve ser observada com atenção pelo poder público, que deveria incentivar sua ampliação como alternativa para a agricultura familiar da região úmida da Bahia.

Palavras-chave: diversificação, agricultura familiar, Sul da Bahia

1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado nos anos de 2004 e 2005 com quatro comunidades de três municípios do Baixo Sul da Bahia: Projeto Onça em Taperoá, Colônia em Ituberá e Dandara e Marimondo no município de Camamu. Contou com a participação direta de 45 famílias. O Baixo Sul é uma das 15 regiões econômicas do Estado, formada por 11 municípios, com área que ocupa 1,1% do estado e população correspondente a 2% da Bahia. A principal atividade econômica é a agricultura, a pecuária é pouco expressiva. Outras atividades são a pesca, turismo e comércio. O grau de urbanização é de apenas 38% e a maioria da população rural (66,2 %) emprega-se na agricultura familiar. O clima do Baixo Sul é úmido, sem deficiência hídrica, com precipitação maior que 150 mm em todos os meses do ano. A vegetação predominante é a Floresta Ombrófila Densa (CAR/IDES, 2004). A região escolhida é uma área prioritária para conservação da Mata Atlântica, com remanescentes florestais significativos, e na ocasião, sabia-se pouco dos sistemas de cultivo da agricultura familiar.

2. METODOLOGIA

O estudo teve uma orientação etnológica, no sentido de entender, registrar e valorizar o conhecimento e as práticas dos agricultores, com o esforço de evitar a interferência das idiosincrasias dos entrevistadores. Sobre a seleção das famílias participantes: no projeto Onça, houve sorteio das famílias, na Colônia o critério de seleção foi o comparecimento à reunião de apresentação do projeto e em Dandara e Marimondo eram famílias que recebiam “assistência técnica” de uma instituição não governamental (ONG), Serviço de Assessoria às Organizações Populares (SASOP). As entrevistas e os diálogos foram realizados com cada família e sempre no campo. Houve conversas com grupos menores de agricultores e algumas oficinas com participação de toda a comunidade.

2.1. Metodologia para avaliação dos componentes dos sistemas agroflorestais

Sistemas agroflorestais menos diversificados ou “sistematizados”

Os cultivos estavam plantados em linhas e as distâncias entre as plantas apresentavam pequena oscilação. Neste caso, mediu-se o espaçamento dos cultivos utilizando fita métrica. Para obtenção do espaçamento das plantas na linha mediram-se no mínimo cinco plantas na linha e três entre as linhas, obtendo espaçamentos médios.

Sistemas com grande diversificação de espécies

Foram estabelecidas parcelas demarcadas observando a distribuição dos cultivos componentes e procurando uma área homogênea que representasse o sistema que estava sendo avaliado. Deixou-se no mínimo uma faixa dos cultivos avaliados entre outro sistema. Fez-se a delimitação da parcela

utilizando fita métrica (30 m) e balizas metálicas de 2 m para materialização do ponto topográfico. Não houve definição prévia do tamanho da parcela, devido ao desconhecimento da área da propriedade e do sistema agroflorestal e da impossibilidade de se realizar estas medições. No entanto houve o esforço para estabelecimento de parcelas com áreas as maiores possíveis respeitando o primeiro critério da representatividade do sistema agroflorestal avaliado. As áreas variaram de 228 m² a 837 m², com média de 412 m². A identificação das espécies e a contagem dos indivíduos de cada espécie nas parcelas foram realizadas por no mínimo duas pessoas. Em todo o processo houve participação de um representante da família, na maioria dos casos, o homem.

3. RESULTADOS E REFLEXÃO

Possivelmente por ser uma região marginal à região cacauceira, pela baixa fertilidade química dos solos, pela grande inclinação dos terrenos, pela falta de infra-estrutura, pelo tamanho reduzido das propriedades e pela influência de agricultores japoneses, a agricultura familiar do Baixo Sul da Bahia desenvolveu por iniciativa própria uma grande diversificação agrícola. As propriedades desse estudo apresentaram tamanho médio de 13 hectares, com ocupação, às vezes total do solo de forma consorciada, sendo difícil encontrar monocultivos ou “cultivos solteiros”. As vantagens dessa forma de cultivo apresentadas pelos agricultores foram: aproveitamento do terreno (60%), venda de vários produtos (44%), aproveitamento dos adubos (33%), produção distribuída (31%), aproveitamento da mão-de-obra (20%) e conforto no trabalho (18%).

As plantas estão combinadas entre si formando sistemas simples (tabela 1) até outros sistemas bastante diversificados e complexos (tabela 2). Dos cultivos, o cacau (*Theobroma cacao*) era o que possuía maior importância econômica para as 41% das famílias do estudo, seguido pelo guaraná (*Paullinia cupana*), cravo (*Syzygium aromaticum*) e seringa (*Hevea brasiliensis*).

Tabela 1. Sistemas agroflorestais menos diversificados ou “sistemizados” da agricultura familiar no Baixo Sul da Bahia

Cacau – Café	Cravo - Guaraná - Pimenta do reino
Cacau – Cravo	Cravo - Guaraná - Pimenta jamaica
Cacau - Cravo – Cupuaçu	Cravo – Pasto
Cacau - Cravo - Cupuaçu - Café	Cupuaçu – Pasto
Cacau - Cravo - Cupuaçu - Pimenta jamaica	Guaraná – Coco
Cacau - Cravo - P. jamaica - Pimenta do reino	Guaraná - Piaçava
Cacau - Cravo - P. jamaica - Seringueira	Guaraná - Piaçava - P. jamaica - Coco – Caju
Cacau - Cravo – Seringueira	Guaraná - Piaçava – Seringueira
Cacau – Eritrina	Guaraná - Pimenta jamaica
Cacau – Seringueira	Guaraná – Seringueira
Cacau - Seringueira - Cupuaçu	Guaraná - Seringueira – Coco
Cacau - Seringueira - Cupuaçu - P. jamaica	Piaçava - Pimenta jamaica
Cacau - Seringueira - Pimenta do reino	Seringueira – Dendê
Cravo – Guaraná	Seringueira - Pimenta do reino

Muitas dessas combinações são citadas em outros estudos (Alvim e Nair, 1986; Gomes, 1992). Outras combinações são inusitadas. Na realidade, cada família faz um sistema diferente e na mesma propriedade havia várias combinações diferentes. Os consórcios mostravam-se também dinâmicos, com a eliminação de cultivos com preços baixos. Naquela ocasião isso acontecia principalmente com o guaraná e com o cravo. Havia a introdução de novos cultivos, pimenta-jamaica (*Pimenta dioica*), seringueira, cupuaçu e piaçava (*Atallea funifera*). “Por enquanto estou deixando o guaraná, daqui a três anos, se o guaraná não tiver preço, eu tiro”. Os agricultores eliminam uma planta e introduzem um novo cultivo “aos poucos”, exercendo primorosamente a observação e a experimentação. “Eu plantei a seringueira, mas pensei: eu não posso zelar só da seringa, então plantei cupuaçu e ainda achei pouco e plantei cacau”. Importante ressaltar que na maioria dos sistemas há presença de árvores nativas, que são mantidas para uso doméstico, especialmente como lenha

Ademais desses consórcios sistemizados, um sistema chamou muito a atenção, é o que os agricultores denominam principalmente como “salada”, mas também como “coquetel” ou “panela de almoço”. Todos os nomes remetem a característica principal do sistema: a diversidade de componentes, com forte presença de frutíferas, “tudo misturado”. A tabela 2 mostra seis dessas saladas encontradas nas comunidades Projeto Onça, Colônia e Marimondo.

Os critérios utilizados para o enquadramento da planta como “consumo” foram a sua baixa densidade no sistema, no máximo 10 plantas, e o fato dela ser utilizada na alimentação familiar. No caso do guaraná, apesar da sua baixa densidade foi classificada como “venda” porque este produto não faz parte da dieta dessas comunidades. Algumas plantas variaram de classificação, principalmente banana e cupuaçu, que são tanto utilizadas para o consumo como para a venda.

Tabela 2. Espécies (consumo e comercialização) encontradas nas parcelas e outras plantas identificadas nas Saladas de agricultores das comunidades “Projeto Onça”, “Colônia” e “Marimbondo” no Baixo Sul da Bahia, 2005

Agricultores e comunidade	Plantas encontradas dentro da parcela		Outras plantas do sistema
	Consumo	Venda	
Adilton (Projeto Onça)	limão, caju, urucum, cupuaçu, abacate	seringa, cacau, banana	baunilha, café, canela, pimenta-jamaica, manga, pinha, jaca, fruta-pão
Adolfo e Roberto Carlos (Projeto Onça)	caju, dendê, limão, jaca, banana	guaraná, seringa, urucum, pimenta-do-reino, cupuaçu, piaçava	cacau, graviola, café, coco, abacate, mamão, pupunha, laranja
Evangelista (Colônia)	coco, graviola, mamão, café, banana	guaraná cacau, cupuaçu, seringa, pimenta-jamaica pimenta-do-reino	cana, pimenta-malagueta, mandioca, maxixe
Geraldinho e Rosália (Colônia)	guaraná, rambutão, banana, graviola, jabuticaba, mamão,	cupuaçu, coco, piaçava, pimenta-do-reino, cacau pimenta-jamaica seringa	abacaxi, cana
Augusta (Marimbondo)	fruta-pão, abacate, pinha, caju, mamão, banana, laranja, jaca, café	cupuaçu, pupunha, piaçava, urucum, seringa cacau	abacaxi, cana, mandioca, andu e árvores nativas
Nego (Marimbondo)	abacate, açaí, manga, abiu-amarelo, coco, cajá, goiaba, pitanga, tangerina, cacau-do-pará	cacau, pimenta-do-reino, café, banana, seringa, guaraná	glicíndia

Tabela 3. Quantidade (nº plantas/ha) e diversidade (nº espécies diferentes no sistema) de plantas perenes (incluindo banana e mamão) das parcelas nos SAFs do tipo “salada” de agricultores das comunidades “Projeto Onça”, “Colônia” e “Marimbondo” no Baixo Sul da Bahia, 2005

Agricultor	Quantidade (nº plantas/ha)			Diversidade (nº espécies diferentes)		
	Consumo	Venda	Total	Consumo	Venda	Total
Adilton	343	1863	2133	13	3	15
Adolfo	248	1454	1702	13	6	19
Evangelista	493	1286	1779	5	6	11
Geraldinho	417	4333	4750	7	6	13
Augusta	750	3444	4194	10	5	15
Nego	701	3772	4473	12	5	16
MÉDIA	492	2692	3172	10	5	15
MEDIANA	455	2654	3164	11	6	15

A média de plantas para venda entre os seis sistemas foi de 83%, as fruteiras participaram do consumo e da venda e representaram 24% de todas as plantas. A mais comum foi a banana (*Musa sp.*) que estava em todos os sistemas, seguida por cupuaçu presente em cinco, mamão (*Carica papaya*) em quatro, abacate (*Persea americana*), caju (*Anacardium occidentale*) e coco (*Cocos nucifera*) estavam em três saladas, graviola (*Annona muricata*), jaca (*Artocarpus heterophyllus*) e limão (*Citrus sp.*) em dois e as demais frutíferas aparecem em apenas um sistema.

Dois cultivos estão presentes em todos os sistemas: seringa e cacau, demonstrando sua facilidade para os consórcios, o primeiro no extrato superior e o cacau no inferior. O cupuaçu vem em seguida, presente em cinco saladas. O agricultor que já plantou cupuaçu o tem na salada como cultivo comercial e há aqueles produtores que estão experimentando, conhecendo a planta e por isto, o plantam em pequena quantidade. A pimenta-do-reino (*Piper nigrum*) aparece em quatro e piaçava, café (*Coffea arabica*) e urucum (*Bixa orellana*) aparecem em três sistemas. Curiosamente a pimenta-jamaica, cultivo promissor e em ascensão na região aparece em apenas uma salada.

Na implantação dos sistemas, os agricultores plantam nos primeiros anos cultivos de ciclo curto como mandioca, hortaliças, cana e abacaxi que permanecem normalmente de um a dois anos e cultivos de ciclo curto como a pimenta-do-reino, mamão e banana, que produzem no máximo quatro anos.

Portanto, as saladas que apresentam estes cultivos em grande quantidade como a de Geraldinho e Nego reduzirão suas densidades em um futuro próximo ficando com uma densidade de 3000 plantas aproximadamente; o mesmo acontecerá com o urucum na salada de Augusta. É necessário conhecimento acurado do comportamento das plantas para fazer as combinações. A distribuição nos extratos horizontais é mostrada na tabela 4.

Tabela 4. Classificação das plantas dos sistemas agroflorestais “saladas” em três extratos horizontais em três comunidades no Baixo Sul da Bahia, 2005

Extrato superior	Extrato intermediário	Extrato inferior
seringa e pimenta-jamaica, pupunha, dendê, frutíferas (jaca, manga, fruta-pão, caju e cajá)	cupuaçu, piaçava e frutíferas (coco, citrus, abacate, graviola, pinha e rambutão)	cacau, guaraná, café, pimenta-do-reino, urucum e frutíferas (pitanga, jabuticaba, goiaba, mamão...)

4. RELAÇÃO DO TRABALHO COM A SUSTENTABILIDADE

Os agricultores manifestam suas opiniões sobre o sistema que criaram por sua conta e risco e que está totalmente adaptado às suas condições financeiras, fundiárias e de mão-de-obra. Com diversificação e criatividade, a agricultura familiar logrou sobreviver à grave crise cacaueteira que abateu sobre a região e ainda mantém sua cultura e seu modo de produção sem crédito e quase sem apoio governamental. “Plantando menos área e zelando direito, a gente lucra mais do que plantar mais área e não poder zelar”. “No coquetel logo fecha uma área e faz uma rocinha”. “A gente não sabe se tá perdendo na produção ou ganhando espaço”. O outro responde: “Eu acho que a gente tá ganhando ...eu fiz e está dando certo até hoje”.

5. CONCLUSÕES E LIÇÕES APRENDIDAS

Como em outras partes do Brasil, a agricultura familiar se mantém viva e forte, apesar de não contar com muito apoio oficial. Possivelmente pelas dificuldades e escassez, os agricultores inventam e re-inventam a agricultura, como é caso aqui apresentado; sistemas produtivos muitos diversificados voltados para a geração de renda e para a segurança alimentar. Os órgãos governamentais (e também as instituições não governamentais) de pesquisa, extensão e de crédito têm aqui um bom exemplo de sustentabilidade e de enfrentamento de crises “Quando mais juntos, mais cultivos, menor é o paradeiro”. “Quem tiver uma cultura ou duas vai passar fome, mais quem tem várias se vira”. “Quando um num dá, outro dá e não me deixa com fome”. Esses sistemas poderão ser mais investigados e receber o apoio governamental de crédito e infra-estrutura, especialmente no processamento de produtos, por exemplo, polpas e compostas de frutas. E acima de tudo, na comercialização, o grande gargalo identificado pelos agricultores, “que sofrem nas mãos dos atravessadores”. Assim, além de simplesmente não passar fome, os agricultores poderão viver com mais fartura, de forma mais digna e bela.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alvim, R., Nair, P.K.R. 1986. Combination of cacao with other plantation crops: an agroforestry system in Southeast Bahia, Brazil. *Agroforestry Systems* 4: 3-15.
- CAR/IDES – Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. 2004. Instituto de Desenvolvimento Sustentável do Baixo Sul da Bahia. A realidade do Baixo Sul da Bahia e suas perspectivas. Ituberá: CAR/IDES.
- Gomes, A. R. S. 1992. Sistemas Agrossilviculturais do Sudeste da Bahia. Encontro Brasileiro de Economia e Planejamento Florestal, 2. Curitiba. Anais. Colombo: EMBRAPA-CNPQ. Volume I: Sistemas Agroflorestais no Brasil: Aspectos Técnicos e Econômicos. Editor Luis Roberto Graça.